

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo, em norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema “**Políticas públicas para combater a violência nas escolas brasileiras**”, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto I

Massacre em escola foi planejado por mais de um ano, diz investigação

De acordo com a polícia, dupla de atiradores pesquisou sobre outras chacinas que ocorreram em escola estadunidenses

As investigações preliminares da motivação do massacre na escola Raul Brasil, em Suzano (SP), apontam que os assassinos planejaram o ataque por mais de um ano. As informações são do G1 Mogi das Cruzes e Suzano.

De acordo com a reportagem do G1, a polícia acredita que o massacre foi premeditado devido a quantidade de buscas feitas na internet pelos atiradores sobre as outras chacinas em escolas estadunidenses.

A polícia investiga a possibilidade da dupla de assassinos ter visitado um fórum da Depp Web, internet obscura onde pessoas incitam crimes de ódio e violência, denominado Dogolachan.

Um dos amigos de um dos assassinos foi ouvido pela polícia na noite desta quarta-feira (14) afirmou que sabia da intenção dos atiradores em cometer a chacina, mas não sabia que dia isso iria realmente acontecer.

Texto II

Políticas públicas e proximidade podem evitar tragédias como a de Suzano

Proximidade da família, professores e amigos, além de uma nova política pública, ajudam a identificar problemas em jovens antes de atingir extremos

Para especialistas, esse tipo de tragédia poderia ser evitado. Há sinais que costumam ser emitidos antes das tragédias e que podem ajudar a evitar esses crimes.

Postagens nas redes sociais com citações gratuitas de ódio, por exemplo, devem ser observadas por pais e amigos. Podem ser vistas, mais do que uma opinião extremada, uma espécie de pedido de socorro.

No caso de Suzano, um dos atiradores publicou cerca de trinta fotos em que ele aparecia com uma máscara de caveira, o boné e o relógio utilizados durante o tiroteio. Ele usava a mesma máscara de caveira das fotos quando foi encontrado morto no chão do colégio.

“Existem jovens que não sabem como dar vazão às raivas, aos medos e às repulsas e precisam ter acompanhamento”, diz o professor Helio Deliberador, professor de psicologia da PUC-SP.

Evidentemente que as mudanças na adolescência não podem servir como justificativa para esses massacres. Mas trata-se de um tema que precisa ser discutido por pais, professores e responsáveis pelo dia a dia dos alunos, segundo especialistas.

Políticas públicas

Além da participação de pais e professores, o Estado também precisa fazer a sua parte dando suporte para as escolas fazerem o seu trabalho. Isso é o que defende Telma Vinha, professora na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Essa estrutura, no entanto, não significa colocar armas na mão dos professores ou utilizar de atitudes autoritárias em sala de aula. Segundo Vinha, isso dá resultado apenas no curto prazo.

“É preciso criar e fomentar um ambiente saudável para o jovem dentro da escola. O colégio pode ser um ambiente extremamente hostil para uma criança”, diz.

Sabe aquelas mensagens nas redes sociais que dizem que, antigamente, o “bullying” moldava o caráter? Então, isso não é real e muito menos frescura. Não por acaso, é algo que a Espanha está buscando eliminar do seu cotidiano com política pública.

Desde 2005, as escolas são obrigadas a construir planos de convivência. Basicamente, professores e alunos sentam para falar sobre diversidade cultural, religiosa e racial. Eles são ensinados a respeitar as diferenças e estimulados a falar sobre os seus problemas abertamente.

“É preciso trabalhar na formação desses jovens, para que cresçam como adultos ‘inteiros’. Nesse contato entre alunos e professores podem ser descobertos problemas que evitem essas atitudes extrema”, afirma a professora. “A escola precisa trabalhar de forma complementar com a família desses jovens.”

Psicopatia?

O caso será investigado e não está descartado que os envolvidos possuíssem traços de psicopatia. No entanto, na visão de Deliberador, da PUC-SP, os fatos divulgados até agora sobre o caso não demonstram um traço fundamental para identificar psicopatas: demonstração de arrependimento ou remorso.

“Em tese, pode ser psicopatia. No entanto, o fato deles terem se matado logo depois do ataque, quando já estavam sendo perseguidos pela polícia, mostra que eles se mataram pelo medo de enfrentar as consequências dos atos”, diz o professor.

Segundo ele, a sua opinião não se trata de uma tentativa de vitimização dos atiradores, mas uma forma de chamar a atenção para um perfil que acaba se repetindo em ataques similares ao de Suzano.

Os atiradores possuem o mesmo perfil dos responsáveis por ataques anteriores. Assim como ocorreu em Suzano, casos fatídicos no Brasil como Realengo, em 2011, e no colégio Goyases, em Goiânia, há dois anos, também tiveram como responsáveis homens adolescentes ou no início da fase adulta.

<https://exame.abril.com.br/brasil/politicas-publicas-e-proximidade-podem-evitar-tragedias-como-a-de-suzano/>

Texto III



<http://jboscocartuns.blogspot.com/2018/01/violencia-nas-escolas.html>